

## **SENTIR-SE EM CASA LONGE DE CASA: A comida no cotidiano de migrantes brasileiros em Londres<sup>1</sup>**

María das Graças S. Luíz Brightwell<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo destaca aspectos sociais e culturais da migração familiar e da vida doméstica – geralmente negligenciados – examinando como as práticas de consumo alimentar participam das experiências cotidianas de indivíduos e famílias migrantes. O estudo baseia-se em pesquisa etnográfica em duas casas habitadas por brasileiros e não-brasileiros em Londres e oferece uma análise da relação entre a cultura alimentar e espaço doméstico. Esta relação é analisada em termos das mudanças e continuidades nas práticas e rotinas domésticas, nas relações de gênero, sociais e familiares e na construção do sentir-se em casa longe de casa. Até então consideradas atividades rotineiras da vida cotidiana, comprar, cozinhar e comer são atividades que têm que ser repensadas e reconfiguradas para acomodar as realidades da labuta como imigrantes e os contextos domésticos que agora habitam. Embora as práticas alimentares continuem a ter importância para a reprodução da “família” e das relações de gênero, mudanças substanciais provocadas pela migração levam a uma reconfiguração de tais práticas e papéis de gênero associados.

**Palavras chave:** casa; lar; cotidiano; comida; migração.

**Abstract:** This paper highlights often-neglected social and cultural aspects of family migration and domestic life by examining how food consumption practices participate in the everyday experiences of migrant and transnational families and individuals. I draw on ethnographic informed research in two mixed Brazilian

---

<sup>1</sup> O artigo foi baseado em pesquisa de doutorado (concluído em 2012) na área de Geografia Humana, realizado na Royal Holloway, University of London, sob orientação do professor Phil Crang e com apoio financeiro do Overseas Research Students Award (ORSAS) e uma bolsa do Departamento de Geografia da mesma universidade.

<sup>2</sup> Pós-doutoranda no PNPd/CAPES Departamento de Geografia, UFSC e colaboradora do Observatório das Migrações de Santa Catarina, UDESC. E-mail: [gracabrightwell@hotmail.com](mailto:gracabrightwell@hotmail.com).

households in London to provide an examination of the dialectic relationship between diasporic food culture and the domestic space. This relationship is analysed in terms of some changes and continuities (such as those affecting domestic practice and routines); in terms of the gendering of domestic and familial social relations; and in terms of the imagined location and identity associated with home. Considered as a matter of routine everyday life, shopping, cooking and eating practices has to be reconsidered and reconfigured to accommodate the realities of working lives as migrants and the domestic contexts they now inhabited. Although food practices were still a key site is for the (re)production of 'family' and gender relationships, substantial changes provoked by migration led to a reconfiguration of such practices and gender roles associated with it.

**Keywords:** house; home; everyday; food; migration.

## 1. Introdução

Apesar de vital na vida cotidiana e, portanto, “lugares apropriados para investigar como os indivíduos em situações de deslocamento negociam suas identidades”<sup>3</sup> (HATFIELD, 2010, p. 54), o espaço doméstico não tem sido suficientemente presente na pesquisa de migração (HATFIELD, 2010, p. 21). Este artigo destaca aspectos sociais e culturais da migração familiar e da vida doméstica - geralmente negligenciados - examinando como as práticas de consumo alimentar participam nas experiências transnacionais dos indivíduos e famílias migrantes.

“O cotidiano é oculto e evasivo, tentar entendê-lo requer algo como um salto de fé”<sup>4</sup> (HIGHMORE, 2002, p. 145). O estudo do cotidiano requer ferramentas metodológicas que acessem locais onde os aspectos “ordinários” e “banais” acontecem. Espaços domésticos não são o único lugar onde o cotidiano é vivido, mas a familiaridade e a onipresença da vida doméstica, faz, certamente com que o “ordinário” seja mais acessível à investigação.

---

<sup>3</sup> “Appropriate places from which to investigate how mobile individuals negotiate their identities”. As traduções que constam do texto foram todas realizadas pela autora.

<sup>4</sup> “The everyday is hidden and evasive; to attempt to attend to it requires something like a leap of faith”.

Afinal, grande parte da vida das pessoas são organizadas em torno de suas casas.

Estudos interdisciplinares atestam essa importância (BLUNT e DOWLING, 2006; BUCHLI, CLARKE e UPTON, 2004; BLUNT e VARLEY, 2004; BLUNT, 2005). A casa - como espaço doméstico - é considerada “o ponto focal da vida da maioria das pessoas” (CIERAAD, 1999, p. 11) e onde as coisas mais importantes na vida das pessoas acontecem (MILLER, 2001a, p. 1). É também um local interessante para a examinar a relação entre pessoas e objetos, por ser “um lugar de consumo individual, mas também coletivo (da família ou do domicílio doméstico), onde os bens adquiridos e os significados e usos atribuídos a eles são negociados, e às vezes contestados, entre membros do agregado familiar” (VALENTINE, 1999, p. 492)<sup>5</sup>. O espaço doméstico ao mesmo tempo molda e reflete quem somos (COOPER MARCUS, 1995; MILLER, 2001b; BLUNT e DOWLING, 2006).

A investigação da vida cotidiana dos imigrantes nos levou ao campo do consumo e da cultura material, foco de uma série de estudos recentes. Morgan, Rocha e Poynting (2005), por exemplo, ao analisarem as hortas e jardins de migrantes na Austrália como locais de prática cultural, concluíram que “os atos de plantar e cozinhar alimentos tradicionais eram uma forma de se reconectarem com sua terra natal através do paladar, cheiros e paisagens” (MORGAN, ROCHA e POYNTING, 2005, p. 96).

De fato, pesquisas indicam que cozinhar e comer alimentos familiares são práticas significativas para manter um sentido de lar para os imigrantes (LAW, 2001; PETRIDOU, 2001; SUTTON, 2001; MARTE, 2007; RABIKOWSKA, 2009). As práticas alimentares possuem a “capacidade de evocar uma experiência multifacetada do lugar” (LAW 2001; RODAWAY, 1994). Devido à sua capacidade multissensorial (especialmente através de gosto e cheiro, mas também visão e tato) alimentos não só evocam experiências passadas do lar e de casa, como uma totalidade (SUTTON,

---

<sup>5</sup> “It is a site of individual, but also collective (household or 'family') consumption, where the goods purchased and the meanings and uses ascribed to them are negotiated, and sometimes contested, between household members”.

2001), levando os imigrantes de volta para outros tempos e lugares, mas também lhes permite recriar a “paisagem sensorial de suas casas” (SEREMETAKIS, 1994) nos novos lugares em que habitam. Para as pessoas em situações de deslocamento, forçado ou não, a comida pode tornar-se o elo mais tangível com o local de nascimento, o “cordão umbilical que os une a terra natal” (ROSALES, 2009) e uma expressão quotidiana de um sentimento de identidade coletiva (CHOO, 2004, p. 88-91). Pode ser, portanto, um meio através do qual as histórias são contadas e lembradas, lugares são descritos, identidades formadas e comunidades imaginadas (SEREMETAKIS, 1994).

Este artigo baseia-se em pesquisa etnográfica em duas casas habitadas por brasileiros e não-brasileiros em Londres e oferece uma análise da relação dialética entre a cultura alimentar e o espaço doméstico. Esta relação é analisada em termos das mudanças e continuidades nas práticas e rotinas domésticas, nas relações de gênero, sociais e familiares e na construção do sentir-se em casa longe de casa.

Os brasileiros formam um “grupo migrante recente e significativo” (EVANS *et al.*, 2011) e o maior grupo sul-americano no Reino Unido (MACILWAINE, COCK e LINNEKE, 2011). O crescimento da presença brasileira em Londres reflete-se no aumento no número de lojas, restaurantes, cafés, salões de beleza, igrejas e de outros serviços para atender às necessidades dos migrantes brasileiros (Cf. SHERINGHAM, 2011). Não há consenso sobre o número de brasileiros que vivem no Reino Unido (EVANS *et al.* 2007 e 2011; KUBAL, BAKEWELL e DE HAAS, 2011). No entanto, há consenso de que a migração brasileira para o Reino Unido aumentou consideravelmente a partir da década de 1990, acelerou ainda mais a partir de 2000 e tem mostrado um ligeiro declínio a partir de 2007, devido à recessão econômica e a novas políticas de controle de imigração do governo britânico (MACILWAINE, COCK e LINNEKE, 2011, KUBAL, BAKEWELL e DE HAAS, 2011).

Apesar desta considerável população, a comunidade brasileira em

Londres continua em grande parte invisível na consciência pública e nos estudos de migração. Minha pesquisa abordou esta lacuna e, ao olhar para as práticas cotidianas dos migrantes, busca responder de forma mais ampla a apelos para que estudos sobre migração estejam também atentos aos aspectos emocionais e materiais da vida cotidiana dos migrantes (HALFACREE e BOYLE, 1993; CONRADSON e LATHAM, 2005).

## **2. Situando a casa e o espaço doméstico**

A casa e o espaço doméstico não podem ser confundidos com espaço meramente familiar. Settles (2001) aponta uma variedade de situações em que indivíduos, não necessariamente famílias ou pessoas com laços de parentesco, compartilham o mesmo domicílio e espaço doméstico. Este é o caso da minha amostra. A pesquisa foi realizada em dois domicílios localizados em Harlesden - um bairro Londrino onde reside um grande número de brasileiros. Os apartamentos pertencem a um mesmo proprietário, que compartilha um dos apartamentos com inquilinos e, distante algumas portas, sua ex-mulher compartilha outro apartamento com os dois filhos do casal e outros inquilinos. As peculiaridades das condições de vida destas duas famílias certamente não representam a experiência de moradia de todos os brasileiros em Londres, mas são indicativas de condições de vida comuns a muitos (ver EVANS *et al.*, 2011). Tais experiências também apontam para a “diversidade e complexidade das famílias modernas” (VALENTINE, 1999, p.494) e a tendência de que processos migratórios compliquem ainda mais as relações sociais e espaciais da vida doméstica, assim como as culturas culinárias.

Baseado no trabalho de Valentine (1999) e na realidade empírica destes dois domicílios, demonstro a maneira complexa pela qual práticas de consumo e formação identitária são negociadas e contestadas no dia-a-dia. Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla que realizei para

minha tese de doutorado em 2012, em que também examinei o papel do consumo e comércio de comida brasileira em Londres na criação de espaços de pertencimento e de uma cultura culinária diaspórica (BRIGHTWELL, 2012).

Minha estratégia de pesquisa foi o que Pink chama de etnografia como aprendizagem sensorial, ou seja, aprender envolvendo-se ativamente com o meio ambiente e atividades que se deseja estudar (PINK, 2009). As visitas foram registradas ao longo do período de um ano, com períodos de permanência de até três dias, abrangendo diferentes dias da semana. Realizei também entrevistas semiestruturadas com dez moradores além de várias conversas informais, tanto individuais como em grupo. Também fiz uma documentação fotográfica e participei de atividades com os moradores tais como sair às compras, cozinhar, comer em casa ou fora. Nem todos, mas a maioria dos moradores eram brasileiros, de origens, perfil socioeconômico, idade, sexo, tempo de permanência no Reino Unido e estatuto jurídico variados, o que proporcionou uma diversidade de experiências.

### **3. Sentir-se em casa longe de casa: acomodando-se em um espaço doméstico transiente**

Estudiosos têm apontado para a complexidade que a palavra “casa” - no sentido de “lar” – possui em contextos diaspóricos e de deslocamento: “permanecer, partir e viajar estão integralmente associados com noções de casa” (MALLET, 2004). A noção de casa/lar torna-se, portanto, “um significante simultaneamente flutuante e enraizado” (BRAH, 1996, p. 3). Para o migrante, a casa/lar pode ser móvel, estabelecida através da repetição e hábitos domésticos, em vez de um local fixo (WISE, 2000). Por outro lado, no “sentir-se em casa” e na construção da vida doméstica também está em jogo a afinidade com espaços físicos específicos, como mostra pesquisa recente, atestando para a “aderência” do lugar e sua

importância na mediação dos sentidos de pertencimento de sujeitos migrantes (CHENG, 2010) e mais especificamente a importância da vida doméstica na compreensão de experiências de migração (HATFIELD, 2010). Esta análise, portanto, lida com a noção de casa como um processo (RAPPORT e DAWSON, 1998) e de casa como um lugar (TUAN, 1997; WISE, 2000), tratando-as como duas realidades complementares e contraditórias da experiência dos imigrantes.

O que torna uma casa um lar? Como sentir-se em casa em um novo país e em uma nova casa? A casa, no seu sentido de lar, de “sentir-se em casa”, é construído na materialidade das atividades domésticas, na imaginação e por meio de relações sociais e emocionais (BLUNT e DOWLING, 2006, p. 23). A análise deve reconhecer, portanto, a complexa localização da noção de casa para os imigrantes. A “casa” é muitas vezes localizada no Brasil: o que os imigrantes deixaram para trás, seus anseios por ela, ou em seus planos para trabalhar e poupar dinheiro para construí-la no futuro. Mas a “casa” também está sendo construída, em Londres, tanto em um circuito mais amplo de relações e de locais de sociabilidade. Em outro artigo (BRIGHTWELL, 2012) argumento que bares, restaurantes e cafés brasileiros em Londres são também espaços onde brasileiros “sentem-se em casa”.

No âmbito doméstico, a casa é um espaço social transiente a ser negociado diariamente com estranhos. Aqui, a noção de “acomodação” de Miller (2002) faz sentido. Para Miller, o sentido da palavra “casa” diz respeito não só à necessidade de encontrar um lugar para viver, mas também envolve o processo de adaptação entre a casa e os moradores (como estes “se acomodam”). Ou seja, “diz respeito à maneira como mudamos a casa de acordo com nossas necessidades, mas também implica a necessidade de mudar a nós mesmos, a fim de adaptarmos-nos à nossa acomodação”<sup>6</sup> (MILLER, 2010, p. 96). A pesquisa revelou, de fato, que o espaço doméstico é

---

<sup>6</sup> “It may imply our changing of a home to suit ourselves, but also imply the need to change ourselves in order to suit our accommodation”.

negociado diariamente para “acomodar” as necessidades diárias dos vários moradores, tanto nas áreas comuns (cozinha, sala e banheiro) mas também nos pequenos quartos, geralmente compartilhados por quatro pessoas. Para a família, o desafio é acomodar a vida familiar com a constante chegada de novos inquilinos, migrantes em busca de familiaridade e com desejos de sentirem-se em casa. Geralmente, esta “acomodação” gera novas formas de cozinhar, comer e morar, que se enredam com novas maneiras de ser uma família, um homem, uma mulher, ou um brasileiro.

A criação da noção de “lar” implica, portanto, relações sócio materiais do espaço doméstico através da repetição e/ou (re)criação de hábitos, práticas e rotinas domésticas. “Práticas”, explica Swidler (2001, p. 74-75), são as atividades rotineiras do dia a dia, “notáveis por serem executadas de maneira inconsciente, automática e não-pensada”<sup>7</sup>, marcada pela maneira com que indivíduos “usam seus corpos, nos seus hábitos, consideram sentidos de espacialidade, gosto em música, vestimenta e comida como fatos consumados - as rotinas sociais que conhecem tão bem que são capazes de improvisar sem pensar duas vezes”<sup>8</sup>.

A pesquisa revelou que o consumo alimentar é considerado um dos principais domínios em que os migrantes se sentem forçados a “acomodar” as mudanças advindas da migração. Até então consideradas atividades rotineiras da vida cotidiana, comprar, cozinhar e comer são atividades que têm que ser repensadas e reconfiguradas para acomodar as realidades da labuta como imigrantes e os contextos domésticos que agora habitam.

A manutenção de certa preferência alimentar é defendida por vários participantes da pesquisa e articulada como “comida brasileira” (definida principalmente como feijão, arroz, carne e salada). Esta preferência é por eles justificada em termos de algo a que estão acostumados e que consegue preencher além do vazio do estômago, algo que caracteriza e distingue:

---

<sup>7</sup> “Notable for their unconscious, automatic, un-thought character”.

<sup>8</sup> “Use their bodies, in their habits, in their taken-for-granted sense of space, dress, food, musical taste – in the social routines they know so well as to be able to improvise spontaneously without a second thought”.



Ah, não tem nada melhor. Sei lá, é costume, é cultura, né? [...] A gente é acostumado, desde pequeno, né? É arroz, comer feijão... (Marcos, entrevista em 31/10/2009).

É, por exemplo, ontem eu cheguei aqui louco, já fazia 15 dias que eu não comia feijão. Precisava... você preenche o estômago, sente que passou a fome e tal, mas falta aquela coisa característica... não digo sempre, porque também estou aberto a conhecer outras culinárias, tal, tal, tal, mas... [...] mas faz parte. Não tem como negar isso. Eu adoro peixe, mas fosse para comer peixe a vida inteira a partir de agora, não dava... [...] Feijão, arroz e carne [...] tem que ter carne. Tem que ter carne na panela, um bife frito acebolado, uma carne assada no forno... (Renato, entrevista em 31/10/2009).

O trabalho etnográfico nos domicílios revelou, porém, que o desejo de “continuação” das práticas alimentares, ou seja, o desejo de comer comida brasileira, reclamado por alguns participantes, não é um processo fácil. Não se trata meramente de uma continuação, mas implica complexos processos de interrupções, aprendizagem, lembrança, adaptações, resistência, incorporações e criações. Alguns participantes aprenderam a cozinhar pela primeira vez em Londres. Mesmo os que já detinham essa habilidade, tiveram que aprender onde encontrar os ingredientes ou como substituí-los por uma variedade local, como relata Sonia:

(...) e então comprava o outro feijão, e cozinhava mais o que eles comiam, que é o frango, a batata, o vegetal, essas coisas. Mas, depois, você vai adaptando, você faz a comida brasileira mas compra as coisas daqui. Por exemplo, a farinha de mandioca, que é uma coisa que eu ia lá na Merceria Brasil pra [sic] comprar farinha de mandioca, às vezes não tinha... aí, depois um dia eu descobri que tinha outra - não sei de onde que vem, não sei se é da África... -, com outro nome, mas é a mesma coisa, né? Aí depois começou a aparecer a mandioca, que também não tinha, e começou a aparecer mais lugares brasileiros pra [sic] vender. Saiu o Mineiro, além de lá da Merceria Brasil tem o quê mais...? Aí outros lugares começaram a vender produtos brasileiros porque a comunidade cresceu muito nesses 7 anos. A língua mais falada em Harlesden é o português - brasileiros e portugueses, né? (Sonia, entrevista em 23/02/2010).

A expansão da disponibilidade de produtos brasileiros, como mencionou Sonia, também é um fator importante<sup>9</sup>. Além disso, as práticas de consumo nesses dois ambientes domésticos não são delimitadas, mas ligadas a outros espaços: os participantes nem sempre têm tempo para cozinhar e acabam comendo fora de casa ou trazendo comida pronta para ser consumida em casa. A alimentação fora do lar, portanto, afeta a forma como o ambiente doméstico funciona como um local de consumo (VALENTINE, 1999). Participantes também estão em permanente contato com as culturas alimentares de não-brasileiros que vivem na casa.

Não só a comida do dia a dia passou a ser classificada como “brasileira”; com menos tempo e espaço disponível, um repertório menor de pratos “brasileiros” são possíveis de serem preparados. Além disso, a imigração permite a dissolução de convenções de que tipo de comida são apropriadas para o dia-a-dia e para o final de semana, como relata Sonia:

Então aqui não tem essa importância do dia, eu acho que todo dia é dia de... [...] todo dia é dia de feijão. No domingo no Brasil não se come feijão. Quer dizer, na nossa cultura, pelo menos na minha família, feijão começa na segunda-feira. Mas pra mim não tem essa diferença (Sonia, entrevista em 23/02/2010).

O caso do feijão ilustra uma ambiguidade interessante na continuidade das práticas alimentares em contextos migratórios no que diz respeito à “praticidade” na vida doméstica em termos de tempo e dinheiro gasto na preparação e consumo de alimentos. Há que se levar também em conta o alto custo de vida e a pressão para economizar para o futuro. Cozinhar em casa é, portanto, considerado pelos participantes como uma alternativa mais econômica do que comer fora. Essa consideração levou muitos inquilinos a aprender a cozinhar, geralmente guiados por outros habitantes da casa, também brasileiros. A escolha em aprender a cozinhar feijão, um prato que exige atenção, tempo, uma certa habilidade e até

---

<sup>9</sup> O aumento no comércio de produtos brasileiros deu-se principalmente com a entrada de importadores brasileiros, ramo que até meados de 1990 estava na mão de comerciantes portugueses.

## Tessituras

mesmo um utensílio específico revela o significado e persistência das “práticas” para além da “praticidade”. As práticas alimentares, nesse sentido, podem servir como forma de resistência, mas também como “ensaios” para novas maneiras de ser, através da incorporação de ingredientes e técnicas.

Vale ressaltar, no entanto, que a continuação de tais práticas é contestada por alguns dos interlocutores, como atesta a entrevista com Vera, uma das moradoras da casa:

Nessa casa tem uma panela de pressão - que é o costume brasileiro pelo que eu já vi, assim, andei por aí tudo assim, e vivi em outros lugares - ninguém tem panela de pressão, só brasileiro. Então aqui tem uma panela de pressão. A panela já quebrou, já compraram outra urgentemente porque não pode faltar. Então todos cozinham na panela de pressão. E cozinham comida brasileira: costela na panela de pressão... [...] Aí, acontece o seguinte, moram muitos brasileiros e eles consomem só produtos brasileiros, quando eles podem. Ou, senão eles vão no Tesco para feijão, arroz, bife com cebola. Aí eles costumam ficar num ciclo e eles não abrem os olhos para aprender outras coisas (Vera, entrevista em 07/10/2009).

A incapacidade de mudar e incorporar novos gostos e comportamentos é percebida por Vera, de forma negativa e considerada incompatível com a mobilidade. O relato de Vera também evidencia os diferentes projetos migratórios e suas implicações nas práticas alimentares domésticas. Enquanto que para a maioria das pessoas na casa há um investimento emocional elevado em manter suas práticas alimentares e as memórias associadas a elas, para Vera, “o esquecer é parte de um processo ativo de criação de uma identidade nova e compartilhada em um novo lugar” (CONNERTON, 2006, p. 320).

#### 4- Comida, família, gênero

A centralidade de alimentos na produção da identidade “familiar”, na negociação das relações de gênero e na divisão do trabalho dentro da família já foi observada por estudos anteriores em sociologia e antropologia (para um resumo, ver MENNEL, MURCOTT e VAN OTTERLOO, 1992). Pesquisas mais recentes na geografia britânica têm explorado as complexas relações entre alimentação e vida familiar (JACKSON, 2009).

A natureza mista dos dois ambientes domésticos que investigamos certamente traz *insights* interessantes sobre a complexidade nos arranjos de famílias migrantes e, de forma mais ampla, dos arranjos domésticos contemporâneos, nem todos baseados em torno de famílias nucleares com filhos pequenos (VALENTINE, 1999). Nesta seção analisamos a forma como práticas alimentares domésticas remodelam a narração e constituição de família, gênero e identidades étnicas.

Antes disso, no entanto, é necessário fazer uma breve introdução sobre a dinâmica da família. Celso, dono dos apartamentos e pai da família, migrou para Londres no começo da década de 1990, deixando no Brasil sua esposa com 4 filhos pequenos. As consequências emocionais da separação familiar são ainda presentes nas conversas com os membros da família. Celso separou-se de sua esposa, Sônia, ainda no Brasil, e mais tarde os filhos juntaram-se a ele. A vinda dos filhos para Londres foi o que levou Sonia a migrar. Apesar de divorciados, Sonia e Celso mantêm algum tipo de vida familiar, que se estende pelos dois apartamentos. Tal arranjo, segundo eles, é fruto de necessidades financeiras, uma vez que aluguéis em Londres são exorbitantes, mas também é uma forma de manter a proximidade da família. Apenas dois filhos do casal, Eraldo e Berenice, vivem com Sonia.

As geografias de pertencimento de Eraldo e Berenice, filhos do casal, jovens adultos em seus vinte e poucos anos, são complicadas. Eraldo “sente-se muito inglês”, diz que não conseguirá adaptar-se se for morar no Brasil, mas considera ter um “apetite brasileiro”. Berenice, por outro lado, sente-se

“100 % brasileira”, mas também não pode imaginar-se vivendo no Brasil. Sente-se como se tivesse apenas “raízes superficiais” no Reino Unido, uma vez que, tendo emigrado na sua adolescência, não possui relações sociais e afetivas próximas ao resto de sua família ou com os amigos de infância que ficaram no Brasil.

Para os dois irmãos entrevistados, a comida preparada pela mãe possui um valor afetivo e fornece uma ligação duradoura e tangível como as lembranças do dia-a-dia da vida no Brasil. O mais importante, no entanto, é que as refeições familiares são, para Berenice, uma certa forma de continuidade da vida familiar, recriando a paisagem sensorial da casa. Aqui Berenice fala sobre a comida preparada por Sonia, a importância de comer junto com a família e como isso remete ao Brasil:

Berenice: Com certeza. Como ela faz. Tipo, polenta com frango, molho de frango. Carne com virado e aipim, né? Mas é o jeito de sentar e comer junto, né? Às vezes, tipo, eu levo para o trabalho, é bom, é mais o comer junto.

E: E o quê que te lembra, assim?

Berenice: Ah, lembra de lá. Às vezes até assim tipo, claro, a gente tá falando português, aí chega o pai, chega o Eraldo e parece que a gente está lá. Às vezes parece que a gente esquece que a gente está do outro lado do mundo (entrevista em 28/02/2010).

A comida mantém sua importância na vida familiar, mesmo quando todos os membros não podem estar presentes para partilhar uma refeição. Famílias transnacionais, como a de Roberto, um outro morador da casa, cuja esposa e dois filhos vivem no Brasil, partilham a vida familiar através da Internet (o que complica ainda mais a noção de casa como uma esfera privada e com limites físicos). Todas as noites, depois de voltar para casa do trabalho em um canteiro de obras e depois de ter preparado o jantar, Roberto fala com sua família por Skype. A conversa geralmente começa sobre o que ele preparou para comer e o que será a janta no Brasil. Sua esposa comenta o menu, as contas do supermercado e os hábitos alimentares

das crianças. Os fins de semana são particularmente difíceis para Roberto, quando vê a família reunida ao redor da mesa com outros familiares visitando. As crianças frequentemente perguntam a Roberto quais pratos ele irá preparar no seu retorno.

Embora as práticas alimentares continuem a ter importância para a reprodução da “família” e das relações de gênero, mudanças substanciais provocadas pela migração levam a uma reconfiguração de tais práticas e papéis de gênero associados.

Para Sonia e seus filhos, a comida não apenas é uma forma de “cuidado”, mas também proporciona a reprodução e continuação da vida familiar e de noções de casa (e pátria) em contextos diaspóricos. Sem tentar reforçar associações dominantes entre casa e feminilidade, o que eu quero ressaltar é o significado da comida como “prática materna” e sua capacidade de reproduzir o sentido de casa para a família, mantendo um vínculo com outros tempos e espaços. Sonia também revelou que a vida em Londres de fato libertou-a de expectativas relacionadas a seu papel no âmbito doméstico. Um exemplo disso é o fato de não ter que obedecer a horários de refeições regulares, algo confirmado por mulheres que participaram dos grupos focais. Por outro lado, a comida tornou-se um meio pelo qual Sonia mostra sua “brasilidade” fora de casa. Sonia frequentemente cozinha para brasileiros e amigos não-brasileiros e para eventos em sua igreja local. Ela é uma brasileira em Londres e orgulha-se disso e, para ela, cozinhar é uma forma privilegiada de exibir sua identidade étnica.

O envolvimento de Roberto com a cozinha é resultante de sua mudança para Londres e é um exemplo de como a migração muda a relação de alguns homens com a domesticidade. De fato, antes da sua mudança para o Reino Unido, nenhum dos homens moradores das duas casas tinha muita experiência sobre as lides domésticas, incluindo cozinhar:

Aprendi aqui. A necessidade me forçou a aprender. Tem a casa da tia, namorada, a empregada, o cara acomoda. Se você comer na rua o dinheiro não dá. Se você ficar comendo só pão

com sardinha... foi o que aconteceu comigo, um ano comendo só pão com sardinha, sofri... (...) aprendi com a minha mulher (...) ia cozinhando, o casal sozinho dentro de casa, você acaba participando de tudo. Aí eu fui na cozinha aprendendo e me dedicando mais e passei a gostar. Até que hoje lá em casa eles dizem, hoje é domingo, e você que vai fazer a comida. Eles cobram, hoje mesmo cobraram o que eu vou cozinhar para eles quando eu voltar (entrevista em 13/11/2010).

Para os participantes do sexo masculino, o envolvimento nas práticas alimentares no âmbito doméstico é visto como positivo, considerando-se é claro que foram forçados pelas circunstâncias. Mas de fato, a capacidade de “recriar o sentido de casa” proporcionado pelos atos de comprar, preparar e comer a comida da terra natal foi completamente incorporado nas suas narrativas de homem migrante. Embora este envolvimento positivo com a cozinha (e outras tarefas domésticas) sinalizem concepções alternativas de masculinidade devido à migração, essas mudanças nas práticas de gênero e ações domésticas não podem ser tomadas como sinal de que “ideologias de gênero e scripts” (MCILWAINE, 2010) também tenham mudado. Entendimentos hegemônicos de identidades masculinas como a do homem provedor e até mesmo a prática de violência doméstica contra mulher, foram encontrados neste estudo, corroborando, assim, tendências mais amplas na migração latino-americana em Londres (MCILWAINE, 2010).

## **5- Observações finais**

Este artigo reconhece a complexa localização dos sentidos de casa para os migrantes: é o que se deixou para trás, mas também é construída em um circuito mais amplo de relações e locais de sociabilidade e nas relações sócio materiais do espaço doméstico.

É nessa mistura de deslocamento e casas imaginadas, em um espaço lotado de diferenças e semelhanças, alojamentos temporários, mudanças e continuidades, que os imigrantes constroem sua trajetória cotidiana. Como

Blunt e Varley (2004, p. 3) afirmam, “as geografias da casa são materiais e simbólicas e estão localizadas nos limites entre memória e nostalgia do passado, a vida cotidiana no presente e sonhos e medos futuros”.

Como descobri nesta pesquisa, esses limites, muitas vezes, levam para a cozinha ou para a mesa (DURUZ, 2010 e 2008; ABARCA, 2006). A comida, na materialidade de seus ingredientes e utensílios, em suas práticas de cozinhar, preparar e comer, em sua capacidade mnemônica para reproduzir paisagens culinárias sensoriais, cerceando, assim, tempos e espaços, fornece o suporte para relações sociais e emocionais centrais na criação de sentidos de identidade, de casa e de pertencimento.

### Referências bibliográficas

ABARCA, Meredith. E. **Voices in the Kitchen**. College Station: Texas and A&M University Press, 2006.

BLUNT, Alison. Cultural geography: cultural geographies of home. **Progress in Human Geography**, London, v. 29, p. 505-515, 2005.

BLUNT, Alison; DOWLING, Robyn. **Home**. Oxon: Routledge, 2006.

BLUNT, Alison; VARLEY, Ann. Introduction: Geographies of Home. **Cultural Geographies**, Boston, v. 11, p. 3-6, 2004.

BRAH, Avtar. **Cartographies of Diaspora: Contesting Identities**. London: Routledge, 1996.

BRIGHTWELL, Maria D. G. S. L. 'On the move and in the making': Brazilian culinary cultures in London. **Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies**, Kelowna, v. 37, p. 51-80, 2012.

BUCHLI, Victor; CLARKE, Alison; UPTON, Dell. **Home Cultures**. Oxford: Berg, 2004.

CHENG, Yuhui. **Grounding Migrant Belonging: Taiwanese Skilled Expatriates in the Yangtze River Delta (YRD), China**. PhD, Royal Holloway: University of London, 2010.

CHOO, Simon. Eating Satay Babi: sensory perception of transnational movement.



**Journal of Intercultural Studies**, v. 25, p. 203-213, 2004.

CIERAAD, Irene. Introduction: Anthropology at Home. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **At Home: An anthropology of Domestic Space**. New York: Syracuse University Press, 1999. p. 1-12.

CONNERTON, Paul. Cultural Memory. In: TILLEY, C. et al (Org.). **Handbook of Material Culture**. London: Sage, 2006. p. 128-143.

CONRADSON, David; LATHAM, Alan. Transnational Urbanism: Attending to Everyday Practices and Mobilities. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 31, p. 227-233, 2005.

COOPER MARCUS, C. **House as a Mirror of Self**: Exploring the deeper meaning of home. Berkeley, California: Conari Press, 1995.

DURUZ, Jean. Talk Table: Doing-Ethnography in the Kitchen. In: ANDERSON, N.; SCHLUNKE, K. (Org.). **Cultural Theory in Everyday Practice**. Melbourne: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. Floating food: Eating 'Asia' in kitchens of the diaspora. **Emotion, Space and Society**, v. 3, p. 45-49, 2010.

EVANS, Yara et al. **Brazilians in London**: A report for the Strangers into Citizens Campaign. London: University of London, 2007.

\_\_\_\_\_. **Por uma Vida Melhor**: Brasileiras e Brasileiros em Londres. London: University of London, 2011.

HALFACREE, Keith; BOYLE, Paul. The challenge facing migration research. **Progress in Human Geography**, v. 17, 333-348, 1993.

HATFIELD, M. E. **Moving Home?: Domestic geographies of British households returning to the UK from Singapore**. PhD, Royal Holloway: University of London, 2010.

HIGHMORE, Ben. **Everyday Life and Cultural Theory**: An Introduction. London: Routledge, 2002.

JACKSON, Peter (Org.). **Changing families, Changing food**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

KUBAL, Agnieska; BAKEWELL, Oliver; DE HAAS, Hein. **The Evolution of Brazilian Migration to the UK** Oxford: International Migration Institute, University of Oxford, 2011.

LAW, Lisa. Home cooking: Filipino women and geographies of the senses in Hong Kong. **Ecumene**, v. 8, p. 264-283, 2001.

MACILWAINE, C.; COCK, J. C.; LINNEKE, B. **No Longer Invisible: the Latin American Community in London** London. Queen Mary, University of London; Latin American Women's Rights Service (LAWRS); Trust for London, 2011.

MALLETT, Shelley. Understanding home: a critical review of the literature. **The Sociological Review**, v. 52, p. 62-89, 2004.

MARTE, Lidia. Foodmaps: Tracing Boundaries of 'Home' Through Food Relations. **Food & Foodways: History & Culture of Human Nourishment**, v. 15, n. 3, p. 261-289, 2007.

MACILWAINE, Cathy. Migrant machismos: exploring gender ideologies and practices among Latin American migrants in London from a multi-scalar perspective. **Gender, Place and Culture**, v. 17, p. 281-300, 2010.

MENNEL, Stephen; MURCOTT, Anne; VAN OTTERLOO, Aneke. **The Sociology of Food: Eating, Diet and Culture**. London: Sage, 1992.

MILLER, Daniel. Behind Closed Doors. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Home Possessions: Material Culture Behind Closed Doors**. Oxford: Berg, 2001a. p. 1-33.

\_\_\_\_\_. **Home Possessions: Material Culture behind closed doors**. Oxford and New York: Berg, 2001b.

\_\_\_\_\_. Accommodating. In: PAINTER, Colin (Org.). **Contemporary Art and the Home**. Berg: Oxford, 2002. p. 115 - 130.

MORGAN, G., ROCHA, C. & POYNTING, S. Grafting Cultures: Longing and Belonging in Immigrants' gardens and Backyards in Fairfield. **Journal of Intercultural Studies**, v. 26, p. 93-105, 2005.

PETRIDOU, Elia. The taste of home. In: MILLER, Daniel (Org.). **Home Possessions: Material Culture Behind Closed Doors**. Oxford and New York: Berg, 2001. p. 87-104.

PINK, Sarah. **Doing Sensory Ethnography**. London: Sage, 2009.

RABIKOWSKA, Marta; KATHY, Burrel. The material worlds of recent Polish migrants: Transnationalism, food, shops and home. In: BURREL, Kathy (Org.). **Polish Migration to the UK in the 'New' European Union after 2004**. Farnham: Ashgate. 2009. p. 211-232.

RAPPORT, Nigel; DAWSON, Andrew (Org.). **Migrants of Identity: Perceptions of Home in a World of Movement**. Oxford: Berg, 1998.

RODAWAY, Paul. **Sensuous Geographies: Body, Sense and Place**. London: Routledge, 1994.

ROSALES, Marta Vilar. **Scents and tastes from a distant home**: the transcontinental trajectories of a group of Goan families. Food and Migration Workshop, 2009. Centre for Migration and Diaspora Studies, Food Studies Centre, SOAS, 2009.

\_\_\_\_\_. The domestic work of consumption: Materiality, migration and homemaking. **Etnográfica**, v. 14, p. 507-525, 2010.

SEREMETAKIS, C. Nadia. The memory of the senses, part I: Marks of the transitory. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **The Senses Still**: Perception and Memory as Material Culture in Modernity. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.

SETTLES, Barbara H. Being at Home in a Global Society: A Model for Families' Mobility and Immigration Decisions. **Journal of Comparative Family Studies**, v. 32, p. 627-645, 2001.

SHERINGHAM, O. Faith across borders: religion in the everyday lives of Brazilians in London and 'back home'. In: MCILWAINE, C. (Org.). **Cross-Border Migration among Latin Americans**: European Perspectives and Beyond. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

SUTTON, David. **Remembrance of Repasts**: An Anthropology of Food and Memory. Berg Publishers Ltd., 2001.

SWIDLER, Ann. What anchors cultural practices. In: SCHATZKI, T. R.; CETINA, K. K.; SAVIGNY, E. V. (Org.). **The Practice Turn in Contemporary Theory**. London and New York: Sage, 2001. p. 74-92.

TUAN, Yi-Fu. **Space and Place**: The perspective of Experience. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

VALENTINE, Gill. Eating in: home, consumption and identity. **The Sociological Review**, v. 47, p. 491-524, 1999.

WISE, J. Macgregor. Home: Territory and Identity. **Cultural Studies**, v. 4, n. 2, p. 295-310, 2000.

Recebido em: 25/08/2015.

Aprovação em: 28/09/2015.

Publicação em: 31/12/2015.